

Pela incorporação do conceito de *matrix* ao paradigma psicodélico

For the incorporation of the matrix concept into the psychedelic paradigm

Sandro RODRIGUES

Psicólogo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Especialista em Psicologia, Subjetividade e Instituições de
Saúde pela Faculdade Maria Thereza. Mestre e Doutor em
Psicologia pela Universidade Federal Fluminense.
Cofundador e Conselheiro Diretor da Associação
Psicodélica do Brasil.
E-mail: sandrorodriguespsicologo@gmail.com

RESUMO:

O artigo esboça um tratamento conceitual para a noção de *matrix*, proposta por Betty Eisner, e sugere a incorporação do conceito ao paradigma psicodélico, como eixo de análise e cuidado das experiências psicodélicas. Para tanto, o texto realiza uma genealogia das noções de *set*, *setting* e *matrix* no meio psicodélico e propõe uma leitura da *matrix* articulada às noções de contexto, *set* e *setting* coletivo e fora-texto, como o que escapa ao controle heteronômico, de modo a ressaltar seu potencial de abertura crítica e criativa para romper com ciclos de exclusão presentes na atual renascença psicodélica.

PALAVRAS-CHAVE: paradigma, renascença psicodélica, complexidade, contexto, drogas.

ABSTRACT:

The article outlines a conceptual treatment for the notion of *matrix*, proposed by Betty Eisner, and suggests the incorporation of the concept into the psychedelic paradigm, as an axis of analysis and care for psychedelic experiences. To this end, the text carries out a genealogy of the notions of *set*, *setting* and *matrix* in the psychedelic field and proposes an interpretation of the *matrix*, articulated with the notions of context, *set* and collective *setting* and outside-text, as something that escapes heteronomic control, in order to highlight its potential for critical and creative openness to break with cycles of exclusion present in the current psychedelic renaissance.

KEYWORDS: paradigm, psychedelic renaissance, complexity, context, drugs.

Introdução

O que me interessa são as relações entre as artes, a ciência e a filosofia. Não há nenhum privilégio de uma destas disciplinas em relação à outra. Cada uma delas é criadora. O verdadeiro objeto da ciência é criar funções, o verdadeiro objeto da arte é criar agregados sensíveis e o objeto da filosofia, criar conceitos.

Gilles Deleuze (1925-1995) - Os intercessores

O objetivo principal do presente texto é desenvolver o conceito de *matrix*, proposto originalmente por Betty Eisner (1915-2004), visando incorporá-lo ao que opto por chamar aqui de paradigma psicodélico, conhecido pela expressão *set* e *setting*. Esse paradigma propõe que tanto os efeitos imediatos do uso de substâncias psicodélicas quanto os efeitos de médio e longo prazo de tal uso dependem tanto ou mais de fatores extra farmacológicos ou contextuais que de fatores farmacológicos. Dizendo de outro modo, alterações bioquímicas disparadas pelo consumo de psicodélicos costumam catalisar experiências subjetivas intensas com uma riqueza de sentidos que se tornam inteligíveis na articulação inevitável com fatores referentes a aspectos diversos dos sujeitos (*set*) e contextos de uso (*setting*). Como fatores referentes ao *set*, podemos citar a experiência individual com a substância, o estado mental na hora do uso, qualidade do sono e alimentação, dentre outros, enquanto podemos considerar fatores referentes ao *setting*, a decoração e a temperatura ambiente, os sons, aromas, etc.

As noções de *set* e *setting*, formuladas nos anos 1960 por Timothy Leary (1920-1996) e colegas, não apenas fazem parte da linguagem terapêutica e científica em torno dos psicodélicos, como também funcionam como uma espécie de código para iniciados numa cultura de cuidado associada a usos sociais dessas substâncias. Em 1984, Norman Zinberg publicou o livro *Drug, set and setting*. Adiante, defendendo a importância estratégica de incluir no conjunto o conceito de *matrix*, proposto, mas não desenvolvido, por Eisner (1997).

De acordo com o professor de ciência, tecnologia e sociedade da Bar-Ilan University, de Israel, Ido Hartogsohn (2021), "pesquisas atuais sugerem que os efeitos não farmacológicos são responsáveis por grande parte, se não a maioria, de benefícios terapêuticos em uma variedade de tratamentos medicamentosos aceitos" (p. 22). No entanto, apesar de sua potencial aplicabilidade às substâncias psicoativas em geral, o paradigma *set* e *setting* emergiu e ganhou popularidade especificamente em relação aos psicodélicos, que são substâncias psicoativas conhecidas por aumentarem a sensibilidade a fatores extra-drogas (GROF, 1979). E, dentre os efeitos colaterais do proibicionismo - regime geopolítico de

proibição de certas drogas, sem fundamento farmacológico, caracterizando-se em si mesmo como um fator extra farmacológico, em curso desde meados do século XX -, está não apenas sua incidência direta sobre os modos de circulação, regulamentação e compreensão da ação dessas substâncias (RODRIGUES, 2004), como a marginalização da própria expressão *set* e *setting*, nunca tendo sido então essa noção integrada ao estudo da psicofarmacologia em geral, por sua associação ao *underground* psicodélico. Porém, na retomada crescente de estudos científicos sobre os psicodélicos, o tema retorna pelo *mainstream*. Atualmente, a grande maioria dos estudos científicos afirma cuidar do *set* e *setting*, mas não abordam a influência da "matrix neoliberal" (PETREMENT, 2023) no próprio desenho dos *settings* científicos e terapêuticos defendidos. Ao traçar a genealogia das noções de *set*, *setting* e *matrix*, buscamos compreender sua evolução, seu sentido e como "pode ser relevante para uma variedade de situações clínicas e extra clínicas" (HARTOGSOHN, 2021, p. 23).

O músico e doutorando em história da Psicologia Tal Davidson (2017, p. 123) sugere que o interesse atual dos pesquisadores da ciência psicodélica em sua história costuma resultar numa mesma narrativa de que "psiquiatras e psicólogos legítimos que se dedicaram ao método científico geraram evidências sólidas de que os psicodélicos eram soluções sustentáveis para uma série de condições psiquiátricas", tendo sido a legitimidade destes investigadores questionada devido a provocações de figuras como Timothy Leary, que teria se alinhado com práticas e epistemologias místicas que minaram os procedimentos científicos em favor da experiência direta. Sabemos do papel central que Rick Doblin (2000), diretor da MAPS (*Multidisciplinary Association for Psychedelic Studies*) ocupa na atualidade e sua importância para o retorno do interesse mundial pelo tema dos potenciais usos dos psicodélicos em benefício de nossa sociedade. Mas sua estratégia de abordar os psicodélicos a partir do *mainstream*, em detrimento de seu histórico *underground*, acaba por estimular um apoio perigoso, pois compatível com processos de medicalização e proibicionismo, enquanto a pesquisa de Davidson (2017) sobre Betty Eisner serve, dentre outros méritos, para exemplificar que a ciência psicodélica que floresceu em meados do século XX não era tão distante da cultura e da contracultura quanto se tenta fazer crer atualmente.

No intuito de compreender a emergência e os potenciais práticos do trabalho com as noções de *set*, *setting* e *matrix* no contexto psicodélico, iniciamos por um breve exame da história da psicofarmacologia no Ocidente. Mais adiante, o texto propõe a incorporação do conceito de *matrix* ao esquema referencial básico da experiência psicodélica, para nos ajudar a pensá-la e estruturá-la com base numa perspectiva interdisciplinar, interseccional e criativa, uma vez que trata-se também de um campo em constante desenvolvimento e mudanças.

Das medicinas da floresta à psicofarmacologia moderna

Os rituais ancestrais com uso de medicinas da floresta envolvem uma série de cuidados e tabus devido ao respeito aos animais e plantas de poder, ou plantas mestras, assim chamadas por serem consideradas portadoras de uma sabedoria capaz de nos dar lições sobre nós mesmos e sobre nossa relação com a comunidade e a natureza. Nessas cosmovisões, que o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2000) chamou de perspectivismo ameríndio, as plantas, os animais e toda a natureza são percebidas como almas dotadas de formas próprias de intencionalidade, consciência e comunicação, interligadas por princípios ordenadores que transcendem o humano. Alguns desses elementos da natureza, ao entrarem em contato com nossos organismos, nos permitem experimentar poderosos estados de consciência, capazes de nos informar sobre nós mesmos e nossa relação com a vida, os outros seres, a natureza e o cosmos. Em diversas culturas, os poderes místicos e de cura desses estados - e dos processos de preparação e elaboração de tais estados - foram explorados sem qualquer separação entre o que hoje caracterizamos como fatores farmacológicos e fatores extra farmacológicos.

Na evolução histórica da psicofarmacologia ocidental, Reinaldo Nóbrega de Almeida (2006) recorta três grandes etapas: "mística", "pré-científica" e "científica". A primeira, não eurocêntrica, coincide com o desenvolvimento de práticas rituais ancestrais de cura, em que os fundamentos das doenças e dos processos de cura se dão com base em relações espirituais ou transpessoais: nessa fase desenvolveu-se, por exemplo, o uso ritual de cogumelos por sacerdotes maias e pré-astecas, assim como usos rituais da ayahuasca na América do Sul, da ibogaína na África e, na Ásia, a exploração inicial de efeitos anestésicos do haxixe. A segunda seria marcada pelo interesse médico na auto-experimentação como forma de estudar substâncias psicoativas, de Paracelso no século XVI, passando pelos auto-experimentos do psiquiatra Moreau de Tours com o haxixe e os de William James com a mescalina e o óxido nítrico no final do século XIX, até os estudos de Ludwig Lewin, no início do século XX. Na terceira e última fase, a partir da década de 1940, época em que foram descobertos os efeitos do LSD, o estudo científico dos psicofármacos passou a ser realizado cada vez mais de modo sistemático. Com o reconhecimento pela comunidade científica dos efeitos antipsicóticos da clorpromazina, descobertos em 1952 por Jean Delay e Pierre Deniker, considera-se, em geral, fundada a psicofarmacologia moderna, supostamente livre das abordagens místicas e pré-científicas. Veremos adiante o quanto as experiências místicas não estavam excluídas dos estudos dos psicodélicos e das práticas de psicologia em grupo e em que medida a atual expansão da consciência mística precisa se articular a uma expansão da consciência política.

Atribui-se a Delay e Deniker a autoria da distinção das drogas psicoativas em psicolépticas, psicoanalépticas e psicodislépticas, correspondendo respectivamente às drogas depressoras, estimulantes e psicodélicas. Enquanto os psicolépticos agem basicamente desacelerando a subjetividade e os psicoanalépticos a aceleram, os psicodélicos modulam a experiência subjetiva de modo mais complexo, não linear, o que nos exige a adoção de uma metodologia apropriada. O neurocientista britânico Robin Carhart-Harris e colegas (2018) do centro de pesquisas psicodélicas do *Imperial College London* consideram os psicodélicos uma "anomalia" entre as drogas psicoativas, por conta de seu modo de ação complexo e bastante singular, devido à ampliação da sensibilidade a fatores contextuais que promove. No campo científico, anomalias podem ser a janela para uma mudança de paradigma.

Importante destacar que, dentre as substâncias psicoativas, os psicodélicos apresentam um perfil singular, em seu aspecto dito catalisador, revelador ou manifestador da mente, pois seus efeitos são fortemente modulados por fatores diversos, mediante os quais as drogas nos deixam mais sensíveis, e que chamamos *set*, *setting* e *matrix*, noções cuja emergência apresentamos a seguir. É preciso adiantar, no entanto, que toda distinção no interior de uma experiência complexa é esquemática e algumas linhas de fronteira não são tão claras, inclusive pelo fato das típicas alterações espaço-temporais vividas sob o efeito de psicodélicos envolverem também acelerações e desacelerações, velocidades e lentidões, intensificações e atenuações, assim como navegações por dimensões diversas do espaço, permeadas algumas de fantasmas e fantasias, individuais e coletivas, atuais e atemporais, símbolos que habitam um plano comum e se comunicam de modo rizomático, ou micelial.

Emergência das noções de *set*, *setting* e *matrix*

De acordo com Hartogsohn (2021), no final da década de 1950, o "primeiro relato publicado sobre as formas como o *set* e *setting* podem ser incorporados à terapia psicodélica apareceu na escrita da psicóloga Betty Eisner" (p. 31), mas foi somente em setembro de 1961 que a expressão *set* e *setting* veio à público na reunião anual da *American Psychological Association*, através de Timothy Leary. Em alguns anos, a noção foi sendo desenvolvida e reapresentada por Leary e colegas (1963, 1964, 1967), até tornar-se um verdadeiro slogan, uma espécie de palavra de ordem sobre a experiência psicodélica. Como veremos, ainda não foi dedicada a devida atenção à noção de *matrix*, de Betty Eisner.

Influência histórica de Betty Eisner no *set* e *setting*

De acordo com artigo (DUBUS, 2021) publicado no site *Chacrana Latinoamérica*, a bacharel em ciência política e PhD em psicologia clínica Helen Elisabeth Grover Eisner (1915-2004) teria sido, em 1955, a primeira cobaia de LSD do Dr. Sidney Cohen (1910-1987), importante pesquisador dos potenciais terapêuticos dos psicodélicos. Em suas duas primeiras experiências, Eisner foi deixada sozinha sob o efeito de doses altas de LSD.

Segundo Davidson (2017), na primeira Eisner teve "percepções impressionantes sobre a complexidade da vida, sua perfeita transitoriedade", perdeu a vontade de responder a qualquer tipo de teste e não via qualquer relação entre estes e o que se propunham a avaliar: "a livre associação parecia sem sentido. Desenhar pessoas era muita exposição" (p. 44). Cohen também não sentiu ter conseguido captar importantes emoções dos participantes. Ao concluir o doutorado, em 1956, Cohen a contratou para ser terapeuta no hospital Brentwood VA. Na primeira vez em que estudou a experiência em *setting* terapêutico, em vez de experimental, vieram à tona os conflitos mais sombrios e que perduraram em sua mente: "testemunhou a opressão que sua raça branca simbolizava no mundo, reviveu todas as maneiras pelas quais manipulou seus entes queridos e passou a acreditar que havia provocado seu irmão a odiar as mulheres" (pp. 47-48). Permaneceu em depressão por semanas. Mesmo assim, "teorizou que o LSD funciona desativando mecanismos de defesa, resultando em um surto de emoções e traumas profundamente reprimidos" (p. 48), "levantou a hipótese de que doses menores produziriam uma redução mais controlável nas defesas" e defendeu o uso dessas doses baixas até que a pessoa se sinta à vontade para aumentar a dose. Sua própria experiência parecia confirmar: com duas sessões de 25ug a intervalo de 10 dias, "foi capaz de lidar com suas emoções gradualmente e sair de seu estado de depressão".

Em 1957, "depois de estudar a literatura e fazer experiências consigo mesma" (DAVIDSON, 2017, p. 44), Eisner foi encarregada por Sidney Cohen para criar as condições ideais para uma experiência psicodélica e desenvolveu uma estrutura metodológica rigorosa para sessões de LSD. Segundo Hartogsohn (2021, p. 31), Eisner "tornou-se consciente da importância de criar melhores condições que permitirão aos sujeitos receber todos os benefícios que a psicoterapia com LSD parecia prometer" e passou a exigir a presença de companhia durante a sessão. Seus projetos foram influenciados por Al Hubbard e pelo psiquiatra Humphry Osmond, que em 1957 apresentou o termo "psicodélico" à comunidade científica, "mas ela foi a primeira a escrever sobre as várias facetas do design de sessões terapêuticas de LSD, o uso de seleções musicais e maneiras de organizar o espaço". No mesmo ano, Betty Eisner, Sidney Cohen e Gerald Heard proporcionaram a três integrantes do Alcoólicos Anônimos (AA)

suas primeiras experiências com LSD e mescalina. Nessas, que foram as primeiras sessões de terapia de grupo assistidas por LSD realizadas por Eisner (Davidson, 2017), a psicóloga seguiu os mesmos princípios técnico-morais do AA e orientou os participantes através de suas histórias pessoais para aprender por que desenvolveram vícios e para viverem a dor causada a si mesmos e a seus entes queridos (Eisner, 2002).

No artigo *Psicoterapia com LSD*, Eisner e Cohen (1958) levantaram a hipótese de pesquisa de que o LSD pode ser útil em *setting* terapêutico como um auxílio para obtenção de insights e para aceitação de material inconsciente, além de poder "encurtar o tempo total do tratamento" (p. 528). Foi realizado um estudo exploratório com 22 pacientes (com diagnósticos variados) que iniciaram tratamento com dose de 25 ug de LSD, aumentada em 25 ug (eventualmente 50 ug) a cada semana, até atingir entre 100 e 150 ug, no intuito de reduzir a ansiedade. Os autores apontam a existência de desafios inerentes à avaliação de avanços terapêuticos, que não são restritos a seu estudo. Um procedimento utilizado para dar mais consistência às avaliações clínicas foi realizá-las de modo totalmente participativo: "nossa própria avaliação, mais a do paciente, era complementada pelo relato de alguém em contato próximo com ele. Para ser considerado 'melhor', os três julgamentos tinham que concordar" (pp. 535-536). A revisão da literatura havia sugerido quatro indicações: o LSD "afrouxa as defesas" (p. 530); amplia a capacidade de reviver experiências arcaicas com liberação de afetos; reforça as relações terapeuta-paciente; e promove "um aumento do aparecimento de material inconsciente". Um ano depois, a equipe de Humphry Osmond publicou um artigo (CHWELOS *et al*, 1959), fornecendo um segundo relato acadêmico sobre a influência do controle de parâmetros extra drogas em estudos com psicodélicos. Importante destacar que, para Eisner, o benefício dos psicodélicos "não estava na especificidade dos seus efeitos, mas na forma como permitiam aos pacientes aceder a estados mentais abertos e integrativos" (Davidson, 2017, p. 68), entendidos como experiências místicas, com efeitos espirituais e terapêuticos. Contudo, depois de 1959, encerrou-se a parceria entre Eisner e Cohen, que, embora tenham permanecido amigos, seguiram caminhos de pesquisa distintos.

Timothy Leary entra em cena

Ido Hartogsohn (2021) conta que em 1960, quando estava começando sua pesquisa sobre psilocibina em Harvard, Leary recebeu a visita do escritor inglês Aldous Huxley, que lhe apresentou um trecho de Théophile Gautier, um dos membros originais do clube literário parisiense *des Hachichins*, do qual faziam parte Charles Baudelaire, Victor Hugo, Honoré de Balzac e Alexandre Dumas, dentre outros,

a quem o psiquiatra Jean Moreau de Tours oferecera haxixe no século XIX. O trecho de Gautier apresentado a Leary salienta a importância de se preparar para o uso, através de um "estado tranquilo da mente e do corpo" (p. 26), para promover o prazer e evitar o risco de sofrimento. Em setembro de 1961, Leary introduziu a noção de *set* e *setting* na reunião anual da American Psychological Association.

Em 1962, Walter Pahnke e Leary (1999) conduziram o experimento da Sexta-feira Santa na Capela Marsh da *Boston University*, que concluiu que a psilocibina, ingerida em contexto religioso por sujeitos com tendência religiosa, é capaz de catalisar experiências místicas. No mesmo ano, Leary e Alpert começaram a organizar a *International Federation for Internal Freedom* - IFIF (DOBLIN, 2000), fundação independente para financiamento de pesquisas, e rumores circularam que o grupo estava fornecendo psicodélicos para estudantes de graduação, sendo que só tinham autorização para fazê-lo com alunos de pós-graduação. Em 1963, Alpert foi convidado a se retirar de Harvard, enquanto Leary rejeitou a condição que lhe foi proposta de continuar a pesquisar os psicodélicos na universidade apenas em ambiente controlado de laboratório, sem música e sem poder tomar a substância junto com os alunos. Após a saída dos professores, Harvard continuou pesquisando potenciais terapêuticos da psilocibina, sob direção de Walter Pahnke, no Centro de Saúde Mental de Massachusetts, seguindo cuidadosamente os protocolos de pesquisa projetados pela FDA. No mesmo ano, Leary, George Litwin e Ralph Metzner (1963) publicaram um artigo, no qual afirmaram que, diante da pluralidade de efeitos obtidos nas primeiras pesquisas com substâncias psicodélicas, a atitude do cientista em relação ao sujeito é uma importante variável, uma vez que "influencia a expectativa ou o *set* que ele comunica aos sujeitos e determina que tipo de *setting* se fornece para a ingestão da droga; estes, por sua vez, têm efeitos marcantes sobre a natureza da experiência" (p. 561). De 1963 em diante, com a perda da legitimidade acadêmica, Leary e colegas começaram a pesquisar por fora da academia, contando com apoiadores e colaboradores externos.

A Programação da Experiência Psicodélica

Em 1964, Leary, Metzner e Alpert publicaram *The Psychedelic Experience* (1992), voltado a ampliar os benefícios da ingestão de psicodélicos. Como sublinha Hartogsohn (2021, p. 34), tendo se tornado "um clássico da literatura psicodélica dos anos 1960", o livro disseminou o conceito de *set* e *setting* na juventude norte-americana, discutindo elementos como "o uso da música, a iluminação, a disponibilidade de alimentos, bem como o arranjo do espaço", além de uma série de considerações adicionais sobre *set* e *setting*, como a diferença entre *set* imediato e *set* de longo prazo, diferentes tipos de expectativas (espirituais,

intelectuais, estéticas, etc.) e diferenças entre sessões noturnas e diurnas ou entre sessões ao ar livre e em locais fechados. Os leitores também "foram aconselhados a alocar pelo menos três dias para a experiência e sua integração, e a preparar-se para uma sessão psicodélica praticando meditação, lendo livros apropriados e engajando-se em uma introspecção e auto exame completos". Em um artigo com Ralph Metzner, de 1967, propuseram as bases para uma ciência do *set* e *setting*, sugerindo que experiências psicodélicas podem ser programadas de antemão por meio de certas técnicas como yantras tibetanos, mantras, mudras e incenso.

No artigo *Sobre a programação de experiências psicodélicas* (METZNER, LEARY, 1967), uma experiência psicodélica é dita programada quando "a sequência e o padrão de estímulos não são deixados ao acaso, mas são organizados de uma maneira predeterminada. Usando programação, tentamos controlar o conteúdo de uma experiência psicodélica em direções específicas desejadas" (p. 5). Para os autores, "o conteúdo de uma experiência psicodélica é determinado principalmente pelos dois fatores de *set* e *setting*", com o primeiro se referindo a estados internos do sujeito que usa o psicodélico e o segundo referente às condições externas onde ocorre a experiência. Por conta da extrema sugestibilidade, qualquer experiência psicodélica é "programada" de algum modo. As questões então são quem controla o quê e o que controla quem. A habilidade de programar as experiências pode variar em função do treino. Metzner e Leary (1967) propõem que a sequência de estímulos ao longo dos efeitos agudos da ingestão da substância seja definida de modo colaborativo entre quem ingere e quem acompanha o uso. Para Hartogsohn (2021, p. 35), "o conhecimento do *set* e *setting* continua sendo a contribuição e o legado mais valiosos de Leary para gerações de pesquisadores e usuários de drogas desde então". A originalidade de sua ideia não está em sugerir que fatores contextuais influenciam na experiência psicodélica, mas em transformar "um sentimento crescente em um slogan simples" (p. 33). Eles cunharam uma expressão.

O declínio das pesquisas com psicodélicos

Os slogans psicodélicos ultrapassaram as paredes de consultórios e laboratórios. Leary tornou-se um dos gurus do movimento hippie, Richard Alpert converteu-se em Baba Ram Dass, o rock e os cartazes de shows começaram a ganhar formas fluidas e derretidas (MERHEB, 2012). Ken Kesey e os Festivais Gozadores promoviam testes de ácido (WOLFE, 1993), que eram verdadeiros *happenings* ao som do Grateful Dead, o *acid rock* agitava as festas e logo *fake news* sobre os psicodélicos se disseminavam (LEE; SHLAIN, 1985), apesar dos estudos sobre segurança e potenciais terapêuticos em mais de 40000 sujeitos, publicação de mais de 1000 artigos científicos, dúzias de livros e realização de seis conferências

internacionais, recomendando-os para várias finalidades (GRINSPOON; BAKALAR, 1979). Avançou o proibicionismo. Em 1971, com a inclusão dos psicodélicos na lista 1 de substâncias proibidas pela FDA e sua internacionalização, em 1972, pelo Convênio sobre Drogas Psicotrópicas, que emenda a Convenção Única de Entorpecentes de 1961 (RODRIGUES, 2012), as pesquisas clínicas praticamente cessaram por décadas, vivendo uma grande retomada próximo à virada para o século XXI (DANIEL; HABERMAN, 2017).

O historiador Matthew Oram (2014) mostra que, apesar do declínio na pesquisa terapêutica com psicodélicos ser por vezes associado à proibição decorrente do crescente uso recreativo e irresponsável ao longo da década de 1960, outra questão desempenhou um papel muito importante nessa queda, que foram as Emendas de Drogas de 1962 (também chamadas de Emendas Kefauver Harris), elaboradas a partir de uma demanda ética legítima, que dizia respeito à necessidade de se regulamentar com rigor fármacos a serem disponibilizados para consumo pela população. Essas emendas, publicadas no mesmo ano em que foi publicado *The structure of scientific revolutions*, de Thomas Kuhn (1962), introduziram a exigência de estabelecimento da prova de eficácia através de ensaios clínicos controlados, antes de qualquer droga ser aprovada para o mercado. Para Matthew Oram (2014), as Emendas de 1962 separaram os braços farmacológico e psicoterapêutico da psiquiatria e "solidificaram o status do estudo controlado randomizado duplo-cego como padrão-ouro em testes de eficácia" (p. 221); método considerado inadequado para avaliar psicoterapias e que carrega o pressuposto de que o efeito terapêutico de uma droga é o que resulta de ação biológica direta. Perante essas mudanças no campo, diversos pesquisadores, cientistas e terapeutas protestaram que tais ensaios controlados, apesar de adequados para avaliar ação farmacológica, eram inapropriados para avaliar o uso terapêutico de psicodélicos. Mas sua recusa a adotar a metodologia oficial rendeu-lhes grande descrédito. E o exemplo emblemático é a exclusão de Timothy Leary e Richard Alpert do quadro de professores de psicologia de Harvard.

Ampliação dos sentidos do *set* e *setting*

A fórmula *set* e *setting* foi amplamente adotada no meio psicodélico e além. Como disse Stanislav Grof (1979), no final dos anos 1970, os resultados mais impressionantes do uso de psicodélicos não são explicados farmacologicamente, mas em função de *set* e *setting*, uma vez que estes agem como meros ampliadores inespecíficos de estados e processos mentais internos e externos. Mas apesar de nenhuma outra classe de substâncias ser tão plástica e responsiva a *set* e *setting* quanto os psicodélicos, o combo revela-se útil também no estudo do uso de outras drogas psicoativas. Nos anos 1980, o psiquiatra e

psicanalista Norman Zinberg (1922-1989) pensou o uso de opiáceos injetáveis, tomando por *set* os *junkies* e deslocando o *setting* para cenas de uso nas ruas, no livro cujo título rerepresentou a fórmula: *Drug, set & setting* (1984). Zinberg é uma importante referência no campo da redução de danos, abordagem ao uso de drogas focada na valorização dos sujeitos (*set*) e territórios (*setting*), colocando a droga entre parênteses. Recentemente, o neurocientista Carl Hart (2014), preocupado em compreender as diferenças entre os efeitos do uso da cocaína e do crack entre ricos e pobres, remeteu-se ao famoso experimento de laboratório de Bruce Alexander, nos anos 1970, conhecido como *Ratpark*, que funciona como uma alegoria, na qual a gaiola simboliza falta de opções e recursos, favorecendo usos abusivos e dependentes.

Betty Eisner e o conceito de *matrix*

Nos anos 1990, Betty Eisner, voltando o foco ao uso de psicodélicos em dispositivo terapêutico, numa breve comunicação que não obteve grande impacto no meio, adicionou ao conjunto *drug-set-setting* a noção de *matrix* (Eisner, 1997), referente ao contexto de onde o sujeito vem e para onde ele retorna após o uso da substância, o que permite-nos atribuir um lugar específico a aspectos do ambiente sócio-cultural e econômico a que pertencem os sujeitos, seu ambiente de imersão territorial e comunitária, etc. Eisner propôs "adicionar o conceito de *matrix* ao esquema das coisas a fim de se referir ao ambiente pré e pós-sessão ao qual um paciente retorna após sua experiência psicodélica" (Hartogsohn, 2021, p. 35). A *matrix* inclui "a situação familiar e de vida do paciente, o ambiente em que vive durante a terapia e para o qual retorna após a terapia bem sucedida. Uma *matrix* bem sucedida, segundo Eisner, é um processo contínuo que apoia a integração da experiência". Apesar desta ideia de *matrix* apontar para um além dos dispositivos de programação e controle da experiência, o que entendo como índice de um potencial de abertura crítico e criativo, a história do uso da noção por Eisner se associou a uma abordagem fechada, ligada a práticas arriscadas.

Eisner (1964) trabalhou bastante com grupos e inicialmente chamou de "*matrix*" seu ambiente especialmente planejado para otimizar coletivamente experiências psicodélicas, partindo da noção de S.H. Foulkes (1898-1976), pioneiro alemão da psicanálise de grupo, para quem a *matrix* é uma teia virtual de comunicação e afeto em grupo, um plano comum partilhado, que define o sentido e a importância dos eventos e sobre o qual repousam as comunicações e interpretações, tanto verbais quanto não-verbais (FOULKES, 1964). *Matrix* em latim significa "útero". Para Foulkes e Anthony (1965, p. 40), *matrix* é "a rede de todos os processos mentais individuais, o meio psicológico no qual eles se encontram, se comunicam e interagem". A dimensão social da *matrix* pode ser pensada como uma rede, tal como "o

cérebro é uma rede de fibras e células" que formam uma unidade complexa, cujas "linhas de força podem ser concebidas como passando através dos membros individuais e pode, portanto, ser chamada de rede transpessoal, comparável a um campo magnético."

O conceito de *matrix* tem sido abordado por diferentes autores ao longo do tempo, principalmente com base na teoria da comunicação, na teoria da *Gestalt*, na teoria sistêmica, na etologia, na sociologia, na teoria psicanalítica e grupanalítica (MARQUES, 2016). Foulkes propôs o termo *matrix* inicialmente em referência às novas redes de significado criadas quando os problemas são interpretados com a ajuda de um grupo (DAVIDSON, 2017). Na década de 1990, Eisner (1997) retomou o conceito em um sentido que aponta para além do território do grupo terapêutico e inclui o antes e depois das sessões guiadas com psicodélicos.

Para Eisner (1978, apud DAVIDSON, 2017), se você oferece uma oportunidade de transformação intensa a uma pessoa e rapidamente a devolve a seu ambiente de origem, ela fica sob grande estresse. A *matrix*, tal como Eisner a propõe, inclui todos os ambientes em que os clientes possam se encontrar, antes, durante e depois das sessões envolvendo uso de psicodélicos, sendo que, por outro lado, sua prática clínica revela o quanto ela se esforçou para controlar o maior número possível de sujeitos e ambientes. Assim, o que ela iniciou como um grupo especial de terapia em 1960 acabou virando uma comunidade terapêutica nos anos 1970. Eis um ponto que merece nossa atenção e cuidado.

Um método muito perigoso

Segundo Davidson (2017, p. 89), ao constatar que uma experiência por si só não era suficiente para sustentar a mudança necessária, Eisner propôs oferecer aos clientes "um novo ambiente social que apoiasse as suas iniciativas de mudança". Ou seja, ao invés de trabalhar sua reinserção nos territórios de pertencimento (como o que a atual política de saúde mental no Brasil aponta como diretriz do cuidado), Eisner (2002, p. 98) buscou criar um território sob seu domínio, a partir da ideia de que as relações que os pacientes estabeleciam entre si "formavam uma *matrix* dentro da qual a mudança terapêutica era grandemente reforçada".

Eisner (1997, p. 215) afirma que o "interesse pela *matrix* surgiu quando uma comunidade terapêutica cresceu em torno do nosso trabalho com drogas". Mesmo que isso tenha sido proposto numa época em que a noção de comunidade terapêutica (DESVIAT, 1999) não havia sido totalmente sequestrada por dispositivos manicomiais, como os atuais, um dos problemas que Davidson (2017) relata sobre é que Eisner "tinha informações sobre as atividades de qualquer pessoa do ponto de vista de cada

residente" (p. 115), "agendava férias com os clientes, reservava momentos de lazer fora das sessões" (p. 109) e determinava "quem morava em qual casa, a ponto de dividir as famílias se considerasse isso uma necessidade clínica". Com a centralização das decisões e busca de exercer o domínio sobre todas as variáveis num sistema fechado, a tarefa de cuidar acabou se tornando controle heteronômico.

Mas seria a *matrix* controlável no interior de um dispositivo? Ou a potência da *matrix* não residiria exatamente em dar nome e lugar à teia do real que escapa ao controle? Ao longo de minha pesquisa de doutoramento (RODRIGUES, 2016), aprendi que é preciso cuidar do "fora" com a devida atenção, tanto nas pesquisas quanto nas práticas clínicas, religiosas e sociais em geral, para tornar sensíveis forças não pensáveis por si mesmas, reintroduzindo no campo de análise e intervenção o que o discurso predominante exclui. Para tanto, busco trabalhar o estatuto conceitual da *matrix* e inseri-la no paradigma psicodélico.

A *matrix* e o fora

Em *O que é a filosofia?*, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1930-1992) defendem que a ciência, assim como a filosofia e a arte, definem-se por seu poder criador. Cada uma delas cria seus próprios objetos com seus próprios meios: a arte cria agregados sensíveis, a ciência cria funções e a filosofia cria conceitos (Deleuze e Guattari, 1992). Como diz Deleuze (1985/1992, p. 154), "não há nenhum privilégio de uma destas disciplinas em relação a outra. Cada uma delas é criadora". Não vou me estender nas noções de função e agregados sensíveis, pois o que me interessa agora aqui é como a ideia de conceito na filosofia da diferença de Deleuze e Guattari (1992) pode ajudar a desenvolver a noção de *matrix*. Eisner apresentou a ideia, mas não desenvolveu e a fórmula *set-setting-matrix* não pegou. O objetivo do presente artigo é proporcionar um estatuto conceitual à noção de *matrix* e mostrar sua relevância para o paradigma psicodélico.

E, como dizem Deleuze e Guattari (1992), todo conceito não apenas tem uma história, "embora a história se desdobre em ziguezague, embora cruze talvez outros problemas ou outros planos diferentes" (p. 29), mas tem também um devir, que concerne a conceitos situados no mesmo plano. Vimos até aqui a emergência histórica dos conceitos de *set*, *setting* e *matrix*. Cabe agora trazer outros conceitos que entram em devir com a noção de *matrix*, ajudando-nos a dar-lhe um estatuto conceitual. Criar um conceito não é criar uma palavra nova, colocar um novo termo no mundo, mas assemelha-se a criar os filhos, alimentando-os, educando-os, cuidando de sua segurança e ajudando-os a atravessar cada fase do melhor

modo, acompanhando seus tropeços e devires (e como dizia minha avó de criação, "devemos criar nossos filhos para o mundo e não para nós mesmas"). Nesse sentido, um desafio na defesa da incorporação do conceito de *matrix* ao paradigma psicodélico reside em apresentar seu potencial de abertura, o que demanda sua articulação com outras noções e propostas para abordar o tema. Três noções que vêm a nosso auxílio na elaboração de um conceito operacional de *matrix* são: contexto (CARHART-HARRIS *et al*, 2018), *set* e *setting* coletivo (HARTOGSOHN, 2021) e fora-texto (LOURAU, 1970, 1993).

Contexto

Em um artigo de opinião publicado em 2018, no *Journal of Psychopharmacology*, Robin Carhart-Harris e colegas acreditam que os efeitos de promoção de plasticidade pela ativação de receptores 5HT_{2A} são responsáveis pela amplificação das influências do contexto, termo sob o qual reúnem as variáveis extra farmacológicas *set* e *setting*. Para os autores, quando o contexto é negligenciado ou manipulado negativamente, como nas pesquisas militares ou na manipulação política da opinião pública através da disseminação de um discurso proibicionista pela grande mídia, aumentam os resultados negativos e diminuem os positivos. Embora considerem que os ensaios clínicos recentes com psicodélicos atentem ao contexto, através de guias ou *sitters*, terapeutas que preparam cuidadosamente o ambiente e os pacientes para a experiência, dão-lhes suporte durante o uso e os ajudam a integrar as experiências posteriormente, "poucos estudos controlados foram realizados para testar a relação entre psicodélicos e contexto" (p. 3). Dentre as poucas exceções estão os estudos do músico e neurocientista Mendel Kaelen, constatando que "a relação que os pacientes estabelecem com a música que ouvem durante as sessões de terapia com psilocibina é preditiva da qualidade de sua experiência, que por sua vez é preditiva de resultados terapêuticos de longo prazo". De modo geral, para os autores, cabe "considerar se o impacto de um determinado fator contextual depende do nível em que ele captura e ressoa com o estado emocional e cognitivo subjacente ao indivíduo" (CARHART-HARRIS *et al*, 2018, p. 3). Em contrapartida, recorrendo à noção de *set* e *setting* cultural, de Hartogsohn/Wallace, apontam riscos sociais de uma leitura dos psicodélicos como venenos ou panaceias.

Set e setting coletivo

Apesar das preocupações de Eisner desde a década de 1950 com os parâmetros para a preparação e acompanhamento de experiências psicodélicas, para Hartogsohn (2021), foram os estudos

do antropólogo Anthony Wallace naquela época sobre os determinantes culturais de resposta à experiência alucinatória que chamaram a atenção para o "papel das crenças e valores culturais na formação dos efeitos" (p. 31). Crenças e valores culturais são fatores coletivos que produzem subjetividade. Hartogsohn chama de *set* e *setting* coletivo sua "tentativa de síntese da teoria do *set* e *setting* de Leary e, que aponta para os elos entre os dois e propõe que todos os aspectos do *set* e *setting* de experiências psicodélicas individuais são determinados por um nível coletivo mais amplo" (p. 36). Em nossa leitura, esse nível mais amplo é a *matrix*, que é o antes e depois, ou o fora do *setting*, sendo que esse antes e depois faz-se presente nas experiências, é um fora nelas incluído. As condições imediatas de *set* e *setting* "são moldadas por forças sociais e culturais externas". O *set* e *setting* coletivo, ou a meu ver, a *matrix*, seria "a soma composta de fatores como valores, crenças, cobertura da mídia, leis sobre drogas, tendências sociais e elementos do discurso cultural que determinam que tipos de *sets* e *settings* individuais são prováveis de emergir em uma determinada sociedade e quais tipos são improváveis, inalcançáveis, talvez até impensáveis" (p. 36). Se cabe à atividade filosófica "tornar sensíveis forças que não são pensáveis por si próprias" (DELEUZE, 1978, p. 167), introduzir a análise da *matrix* no cerne das pesquisas envolve um procedimento metodológico de garantir a abertura disciplinar a outros campos do saber que guarda em si mesmo um potencial crítico e criativo em relação à produção de conhecimento.

Fora-texto

Se levarmos em conta o que diz respeito à política de narratividade da comunidade científica, a publicação de um artigo envolve ao menos um texto, um contexto e um fora-texto (LOURAU, 1970, 1993). Um artigo científico é um texto que visa atingir uma parcela da sociedade e um nicho da comunidade científica; sendo assim, obedece às diretrizes de publicação. O contexto diz respeito a quando, por quem, onde foi publicado e qual diálogo estabelece com as outras publicações existentes. O fora-texto trata do impublicável em si; ou seja, o que é proscrito, banido ou deixado de fora, seja voluntariamente, por políticas editoriais, seja involuntariamente, por preconceito, ignorância, limitações metodológicas, epistemológicas, etc (RODRIGUES, 2016). A inclusão do fora, banido do texto científico por contradizer ideais de objetividade e neutralidade, exige uma mudança paradigmática, pautada em assumir que nada é neutro, que a realidade é enviesada, como um grande jogo de forças atravessado por linhas de natureza diversa e, por conta disso, proceder a uma constante de análise de implicações (afetivas, econômicas, estéticas, políticas, de gênero, classe, raça, etc.) do pesquisador com o campo pesquisado e a própria experiência de pesquisar (RODRIGUES; PASSOS, 2018). E talvez seja o caso de se falar em reinclusão, pois trata-se de algo que já esteve presente, mas foi proscrito em defesa de ideais modernos

de objetividade e neutralidade, por procedimentos de quantificação e controle de variáveis, cuja falta de análise acaba servindo a interesses político-ideológicos e econômicos que determinam o que e como vai ser ou não permitido para quem na renascença psicodélica.

Mudança de paradigma

Carhart-Harris e colegas (2018) acreditam que "um reconhecimento adequado da importância do contexto e da experiência representaria uma mudança positiva de paradigma no cuidado farmacológico em psiquiatria" (p. 3). Creio ser necessário ir além. No campo do cuidado em saúde mental no Brasil, podemos considerar a luta antimanicomial e os movimentos da reforma sanitária e da reforma psiquiátrica como propulsores de uma verdadeira mudança no paradigma do cuidado, com a afirmação do cuidado no território e o foco no respeito à autonomia dos usuários dos serviços de saúde mental (AMARANTE, 1995, 2007), que se reflete também nos dispositivos voltados especificamente a cuidar de pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas, através das práticas e políticas pautadas na redução de danos, em contraste com as práticas e políticas pautadas no paradigma da abstinência (MACERATA, DIAS, PASSOS, 2014). Enquanto o paradigma da abstinência busca eliminar experimentações com a consciência, "reproduzindo lógicas de exclusão como a dos dispositivos fechados, manicomiais e os discursos morais e religiosos sobre as drogas" (p. 33), o paradigma da redução de danos visa "ampliar a intervenção para além da droga". A oposição entre esses paradigmas é notável em programas voltados a pessoas que usam drogas: do lado da RD, há os Consultórios na Rua e os Programas de Redução de Danos; do lado da abstinência, há os dispositivos de internação compulsória, os Alcoólicos Anônimos e Narcóticos Anônimos e as Comunidades Terapêuticas. É preciso superar não apenas os manicômios, mas a lógica manicomial, o "manicômio mental" (PELBART, 1990).

Utilizo aqui o termo paradigma não apenas no sentido das realizações científicas que, durante algum tempo, oferecem problemas e soluções que servem de modelo para uma parte da comunidade científica, como proposto por Thomas Kuhn, em 1962, mas como paradigma, ou modelo, de cuidado em saúde ou, mais ainda, de modo ampliado, como uma espécie de matriz supraconsciente do pensamento, relativa ao modo como perspectivas diversas sobre uma mesma realidade se compõem coletivamente: "é preciso um paradigma de complexidade, que, ao mesmo tempo, separe e associe, que conceba os níveis de emergência da realidade sem os reduzir às unidades elementares e às leis gerais" (LEMOS *et al*, 2019, p. 138). E não se trata de uma mera operação abstrata, mas das condições de possibilidade para que ocorram os desdobramentos culturais, científicos, éticos e políticos necessários no

campo dos psicodélicos. Para Hartogshon (2021), é importante estudar como os efeitos das drogas são moldados por parâmetros sociais e culturais, para desenvolvermos uma política mais eficaz, voltada à redução de danos e ampliação de benefícios potenciais do uso.

Richard Yensen (1993, p. 14), para quem um método criativo para o estudo científico dos psicodélicos "pode realmente expandir a nossa ciência e a nossa consciência", descreve quatro paradigmas: xamânico, psicotomimético, psicolítico e psicodélico. No paradigma xamânico, o ritual "fornece uma estrutura psicossocial para experimentar efeitos curativos e místicos" (p. 6) e o xamã busca otimizar o ambiente para fins coletivos. Uma variedade de estímulos, como "velas, tambores, cantos, diversas formas de arte, etc" (p. 7) é utilizada para "melhorar e guiar a experiência". O paradigma psicotomimético, partindo da ideia de que os efeitos psicodélicos produzem psicose, ignorou outros efeitos subjetivos e outras influências sobre a experiência, sendo reducionista. Muitas pesquisas aparentemente sofisticadas utilizaram medidas quantitativas e qualitativas, mas ignoraram importantes influências nesses resultados, como a de sugerirem aos sujeitos, mesmo quando indiretamente, que eles experimentariam a loucura. Os dois outros paradigmas partem deste.

Yensen (1993) atribui a emergência do paradigma psicolítico à publicação, nos Estados Unidos, em 1950, de um artigo de Busch e Johnson, sugerindo que o LSD poderia encurtar a terapia, ao colocar o paciente em um estado de delírio nos quais este seria capaz de "verbalizar componentes reprimidos de seus conflitos". Em seguida, o uso eventual de doses baixas de psicodélicos ao longo de um processo psicoterapêutico foi investigado também para "aliviar bloqueios de sentimentos ou de memória e promover a catarse emocional" (p. 9), visando intensificar e encurtar a duração da terapia. Betty Eisner e Sidney Cohen estão entre os principais representantes da abordagem psicolítica. Já o paradigma psicodélico emergiu no Canadá, quando o psiquiatra Humphry Osmond deu grandes doses de LSD para alcoólatras com a intenção de produzir uma psicose assustadora que produzisse aversão, sugerindo aos pacientes que se continuassem a beber reviveriam a loucura que o LSD lhes havia mostrado, devido ao delirium tremens. No entanto, como lhe indicou Al Hubbard, as pessoas capazes de mudar seus estilos de vida não foram motivadas pelo medo da recaída, mas "por experiências de beleza e significado transcendentais" (p. 10). Os sujeitos (*set*) deveriam ser preparados para experimentarem uma jornada de autoconhecimento em um ambiente (*setting*) seguro e agradável, de modo a favorecer que estes experimentem "dimensões transpessoais e coletivas de consciência" (p. 11) que os inspire a adotar um estilo de vida aliado ao cuidado de si.

Importante integrar as percepções dos esforços anteriores para pensar a pertinência de incorporar a *matrix* ao paradigma psicodélico. Para Carhart-Harris e colegas (2018, p. 5), "o sucesso futuro

da medicina psicodélica dependerá muito de como cientistas, clínicos, investidores e formuladores de políticas receberão esse modelo de tratamento complexo, composto e desafiador de paradigmas". Mas os psicodélicos estão muito além de um recurso médico ou mesmo de um modelo de tratamento complexo. A complexidade dos psicodélicos é bem mais radical e não se restringe ao que o saber médico preconiza. Como indica Mateo Petrement (2023, p. 2), o fato do renascimento psicodélico se afastar de sua origem contracultural é significativo, pois as atuais "reivindicações neurocientíficas de neutralidade política" escondem seu alinhamento ideológico com o imperialismo neoliberal. Para explicar como o neoliberalismo deslocou a economia política de uma abordagem coletiva para uma perspectiva individualista, Petrement (2023) recorre à noção de "realismo capitalista", de Mark Fisher, para quem não existe forma de organização social alternativa ao capitalismo, sendo este toda a realidade. A meu ver, a tentativa de controlar tudo a partir de dentro e negar a existência do fora são expressão de um negacionismo na ciência psicodélica que é preciso superar. É preciso garantir a abertura à compreensão do que tem sido deixado de fora.

Implicações da *matrix*

O recurso à *matrix* busca inserir na análise do fenômeno dos psicodélicos em nossa sociedade importantes fatores que são usualmente deixados de fora, como a questão da incidência da política na produção de subjetividade, que nos permite, por exemplo, compreender como decaiu a antiga "esperança contracultural de que estas substâncias poderiam transformar radicalmente a sociedade capitalista" (PETREMENT, 2023, p. 2), sendo que hoje prevalece na chamada renascença psicodélica uma proposta neoliberal de "tratar ou melhorar os indivíduos dentro dela". Muitos cientistas e psicoterapeutas atuais têm abordado os psicodélicos como se o neoliberalismo tivesse dominado toda a existência, sem restar espaço para nada relevante ou pertinente fora dessa lógica. Por baixo de um discurso de neutralidade e objetividade científica, subjetividades capitalísticas (GUATTARI, 1992) disputando abordagens no campo em busca de defenderem reserva de mercado.

Os potenciais dos psicodélicos precisam ser estudados de modo amplo, complexo e sistêmico, considerando não apenas características farmacológicas das substâncias (nesse sentido, já aprendemos muito bem que possuem em geral baixa toxicidade e baixo potencial de causar dependência), quanto aspectos do ambiente em que a substância é ingerida (no trabalho, numa festa, em um consultório, com ou sem música, qual o repertório, etc.), da pessoa que ingere (suas intenções e expectativas, sua preparação para a experiência, seu grau de abertura, de ansiedade, fome, sono etc.) e do meio a que a

pessoa pertence (de onde ela vem a para onde ela retorna depois das experiências, como se dá esse trânsito, quais suas condições materiais e sociais de vida, como são seus laços familiares, comunitários, de amizade, trabalho, espiritualidade, lazer, etc.). Essas variáveis não podem ser ignoradas ao pensarmos os usos de psicodélicos. Os mais diversos aspectos da vida (econômica, social, sexual, afetiva, profissional, etc.) de quem utiliza psicodélicos podem influir bastante na segurança e eficácia, tanto de curto quanto de médio e longo prazo, a depender do modo como serão notados, elaborados e integrados na vida do sujeito e suas relações familiares, afetivas, econômicas, sociais, culturais, etc.

A inclusão da noção de *matrix* na análise das diversas modalidades de uso de psicodélicos dá relevo ao importante papel das ciências humanas (sociologia, antropologia, economia etc), dos movimentos sociais de resistência e dos povos tradicionais e ancestrais, na construção de uma terapêutica psicodélica de base comunitária, com responsabilidade social, enquanto preserva no *setting* um lugar privilegiado para saberes advindos das artes (produção e difusão musical, cenografia, etc.) e da clínica (terapia comunitária, aromaterapia, etc.). Uma proposta concreta nesse sentido é que nos estudos sejam realmente valorizadas as perspectivas de diversas ciências que se debruçam sobre aspectos distintos dos psicodélicos e se valorize sempre a voz dos usuários, inclusive os portadores de saberes, epistemologias, cosmovisões e políticas narrativas distintas da predominante na perspectiva biomédica.

A *matrix*, como sistema de pertencimento, territorialização, que se expressa como o fora do *setting* psicodélico controlado, diz respeito às relações materiais e sociais que atravessam os sujeitos (relações econômicas, sociológicas, defesa de território, etc.) e às relações com a espiritualidade, a ancestralidade, os rituais, a cultura. Esta compreensão é fundamental, pois o tipo de estratégia baseada em evidências que caracteriza os resultados de grande parte das produções científicas mais destacadas sobre o tema nem sempre se adequa à qualquer realidade. Há fatores culturais e sociais que precisam ser observados em primeiro lugar para o fomento de terapias acessíveis e integradas às realidades das comunidades locais. Não basta controlar *set* e *setting*. É preciso cuidar na *matrix* e é preciso cuidar da *matrix*.

Considerações finais

O presente artigo buscou realizar uma genealogia das noções de *set*, *setting* e *matrix* no meio psicodélico, no intuito de esboçar uma proposta de incorporação da *matrix* como eixo de análise e cuidado das experiências psicodélicas. Uma preocupação foi em trazer a importância de uma leitura da *matrix*

como o "fora" do controle heteronômico, de modo a ressaltar seu potencial crítico e criativo. Articulada às noções de contexto, *set* e *setting* coletivo e fora-texto, a *matrix* emerge como um conceito a ser incorporado ao paradigma psicodélico, de modo a tentar romper com os novos ciclos de exclusão que têm sido criados e alimentados na atual retomada do interesse de cientistas e profissionais de saúde por essas substâncias. A abordagem biomédica vem dominando o debate, em detrimento às análises sociais, epidemiológicas, econômicas, culturais, aos estudos em saúde coletiva, em saúde mental, políticas de drogas e às metodologias de pesquisa e intervenção que valorizam os saberes de usuários, sobretudo dos povos tradicionais e ancestrais que abriram caminho.

Para tanto, tal como Davidson realizou uma análise das influências da chamada *matrix* neoliberal na perspectiva individualista, supostamente objetiva e neutra, predominante no debate público da renascença psicodélica, o presente artigo propõe como desdobramento futuro do que foi aqui introduzido, que sejam realizadas articulações transdisciplinares da *matrix* com os diversos saberes sobre o que influi nos efeitos e resultados, a curto e longo prazo, das experiências psicodélicas. É preciso cuidar do que a atual renascença psicodélica tem sistematicamente invisibilizado com a sobrevalorização dos saberes biomédicos e das neurociências, como discursos supostamente mais seguros e eficazes que os demais. Fechar os olhos para a influência do social nas experiências psicodélicas pode resultar na importação de princípios e procedimentos cuja maior eficácia pode estar em garantir reserva de mercado para quem busca patentear e privatizar recursos e procedimentos de saúde sem compromisso social. Incorporar a *matrix* ao paradigma *drug-set-setting* é uma proposta metodológica que visa inverter a prioridade e o compromisso da renascença psicodélica, recuperando seu potencial revolucionário e a possibilidade de transformações sociais positivas que atendam não somente a uma parcela pequena e privilegiada da população, mas que valorize as vozes de diferentes atores sociais e priorize a universalidade do acesso a recursos de promoção de saúde, autonomia e bem estar coletivos. Para tanto, o presente artigo indica a necessidade de realização de novos estudos e debates que incluam e ampliem a diversidade de vozes e saberes sobre os psicodélicos e as múltiplas formas de atenuar seus riscos e ampliar seus benefícios para o conjunto da sociedade. Não se trata de controlar a *matrix*, mas de conhecer sua dinâmica e trabalhar nela, intervindo em suas múltiplas formas de expressão.

Referências:

ALMEIDA, Reinaldo Nobre de. *Psicofarmacologia: fundamentos práticos*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

- BESERRA, Fernando Rocha; RODRIGUES, Sandro Eduardo; MONTEIRO, Daniela. Uso terapêutico de psicodélicos: por uma perspectiva latino-americana. *Revista Platô: política e drogas*, v. 5, p. 6-124, 2021. Disponível em: <<https://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2021/12/P5-PLATO-5-FINAL-DIGITAL-3-compressed.pdf>>. Acesso em 19 mai. 2024.
- CARHART-HARRIS, Robin *et al.* Psychedelics and the essential importance of context. *Journal of Psychopharmacology*, p. 1–7, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0269881118754>>. Acesso em 19 mai. 2024.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. In: ALLIEZ, Éric. *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- CHWELOS, N. *et al.* Use of d-lysergic acid diethylamide in the treatment of alcoholism. *Quarterly Journal of Studies on Alcohol* 20: 577–590, 1959.
- DANIEL, Jeremy; HABERMAN, Margaret. Clinical potential of psilocybin as a treatment for mental health conditions. *Ment Health Clin* [Internet]. 2017;7(1):24-8. Disponível em: <<https://doi.org/10.9740/mhc.2017.01.024>>. Acesso em 19 mai. 2024.
- DELEUZE, Gilles. Tornar audíveis forças não audíveis por si mesmas (1978). In: _____. *Dois regimes de loucos - textos e entrevistas (1975-1995)*. São Paulo: 34, 2016.
- DELEUZE, Gilles. Os intercessores (1985). In: *Conversações*. São Paulo: 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: 34, 1992.
- DOBLIN, Richard Elliot. *Regulation of the Medical Use of Psychedelics and Marijuana*. Thesis. Harvard, 2000. Disponível em: <<https://maps.org/research-archive/dissertation/dissertation.pdf>>. Acesso em 19 mai. 2024.
- DUBUS, Zoë. *A influência histórica das mulheres no debate sobre set e setting*. Site: <<https://chacruna-la.org/influencia-das-mulheres-no-debate-sobre-set-e-setting/>>. Acesso em 19 mai. 2024.
- EISNER, Betty Grover; COHEN, Sidney. Psychotherapy with lysergic acid diethylamide. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 127(6), 528–539, 1958. doi:10.1097/00005053-195812000-00006.
- EISNER, Betty Grover. Remembrances of LSD therapy past. [online] 2002. Disponível em: <http://www.erowid.org/culture/characters/eisner_betty/remembrances_lsd_therapy.pdf>. Acesso em 19 mai. 2024.
- EISNER, Betty. Set, setting and matrix. *Journal of Psychoactive Drugs*, v. 29, n. 2, abr/jun. 1997. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/02791072.1997.10400190>>. Acesso em 19 mai. 2024.
- FOULKES, Siegmund Heinrich. *Therapeutic Group Analysis*. London: Allen and Unwin. Reprinted London: Karnac, 1964.
- FOULKES, Siegmund Heinrich, ANTHONY, Elwyn James. *Group Psychotherapy*. Second ed. London, 1965.
- GRINSPOON, Lester; BAKALAR, James. *Psychedelic drugs reconsidered*. New York: Basic Books, 1979.
- GROF, Stanislav. *LSD psychotherapy*. California: Hunter House, 1979.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: 34, 1992.
- HART, Carl. *Um preço muito alto: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre as drogas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- HARTOGHSON, Ido. Construindo os efeitos das drogas: uma história de *set & setting*. Em BESERRA,

Fernando (org.). *Redução de danos em contexto de festas*. Curitiba: CRV, 2021.

LEARY, Timothy. *Flashbacks: surfando no caos*. São Paulo: Beca, 1999.

LEARY, Timothy; LITWIN, George; METZNER, Ralph. Reactions to psilocybin administered in a supportive environment. *J Nerv Ment Dis.*, 1963, v. 137, pp. 561–573. Disponível em: <[10.1097/00005053-196312000-00007](https://doi.org/10.1097/00005053-196312000-00007)>. Acesso em 19 mai. 2024.

LEARY, Timothy; METZNER, Ralph; ALPERT, Richard (1964). *The psychedelic experience: a manual based on the Tibetan Book of the Dead*. New York: Citadel, 1992.

LEE, Martin; SHLAIN, Bruce. *Acid dreams: the complete social history of LSD, the CIA, the sixties and beyond*. Great Britain: Pan Books, 1985.

LE MOS, Pedro Bruno *et al.* O conceito de paradigma em Thomas Kuhn e Edgar Morin: similitudes e diferenças. *Research, Society and Development*, 2019, vol. 8, núm. 10. Disponível em: <<https://doi.org/10.33448/rsd-v8i10.1321>>. Acesso em 19 mai. 2024.

LOURAU, René. *A análise institucional*. Petrópolis: Vozes, 1970.

LOURAU, René. *René Lourau na UERJ - Análise institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: Uerj, 1993.

MACERATA, Iacã; DIAS, Rafael; PASSOS, Eduardo. Paradigma da guerra às drogas, políticas de ordem e experiências de cuidado na cidade dos mega-eventos. Em LOPES, Lucília Elias; BATISTA, Vera Malagutti. *Atendendo na guerra: dilemas médicos e jurídicos sobre o crack*. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

MARQUES, Paulo Manuel Baptista da Mota. O Modelo da Escola Portuguesa de Grupanálise: Aspectos Integrativos e Evolução no Contexto de uma Investigação Conceptual-Empírica sobre a Matriz Grupanalítica. *Vínculo – Revista do NESME*, 2016, v.13, n.2, pp. 1-12. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902016000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 mai. 2024.

MERHEB, Rodrigo. *O som da revolução: uma história cultural do rock, 1965-1969*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

METZNER, Ralph; LEARY, Timothy. On programming psychedelic experiences. *Psychedelic Review*. v. 9, p. 5-19. 1967. Disponível em: <<https://maps.org/research-archive/psychedelicreview/n09/n09005met.pdf>> Acesso em 19 mai. 2024.

ORAM, Matthew. Efficacy and enlightenment: LSD psychotherapy and the drug amendments of 1962. *J Hist Med Allied Sci*. Oxford, v. 69, n. 2, p. 221-250, abr 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1093/jhmas/jrs050>> Acesso em 19 mai. 2024.

PELBART, Peter Pál. Manicômio mental - a outra face da clausura. Em *SAÚDELOUCURA*. n. 2. São Paulo: Hucitec, 1990.

PETREMENT, Mateo Sanchez. Historicizing psychedelics: counterculture, renaissance, and the neoliberal matrix. *Front. Sociol.* 2023, 8:1114523.

RODRIGUES, Sandro. *Modulações de sentidos na experiência psicodélica: saúde mental e gestão autônoma de psicotrópicos prescritos e proscritos*. Curitiba: CRV, 2016.

RODRIGUES, Sandro. A experiência chill-out: reflexões sobre redução de danos induzidos pela música em raves. In BESERRA, Fernando. *Redução de danos em contexto de festas*. Curitiba: CRV, 2021.

RODRIGUES, Sandro; PASSOS, Eduardo. A linguagem do fora: a interface entre drogas lícitas e ilícitas em saúde mental. *Estudos da Língua(gem), [S. l.]*, v. 15, n. 1, p. 57-75, 2018. Disponível em:

<<https://doi.org/10.22481/estudosdalinguagem.v15i1.2417>> Acesso em 19 mai. 2024.

RODRIGUES, Thiago. *Política e drogas nas Américas*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2004.

RODRIGUES, Thiago. *Narcotráfico: uma guerra na guerra*. São Paulo: Desatino, 2012.

STRICKLAND, Justin; GARCIA-ROMEY, Alberto; JOHNSON, Matthew. Set and setting: a randomized study of different musical genres in supporting psychedelic therapy. *ACS Pharmacol. Transl. Sci.* 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1021/acspsci.0c00187>> Acesso em 19 mai. 2024.

WOLFE, Tom. *O teste do ácido do refresco elétrico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

YENSEN, Richard. *Perspectives on LSD & Psychotherapy: Search for a New Paradigm*. Lugano: Swiss Academy of Medical Sciences, 1993.

ZINBERG, Norman. *Drug, set and setting*. New Haven: Yale University Press, 1984.



RODRIGUES, Sandro. Pela incorporação do conceito de matrix ao paradigma psicodélico. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.2, 2024, eK24038, p. 01-23.

Recebido: 05/2024

Aprovado: 06/2024